

AA

BOLETIM TÉCNICO
— DO —
INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORTE

N.º 28

Dezembro de 1953

SUMÁRIO

DUCKE, A. — As espécies brasileiras do gênero *Theobroma* L.

DUCKE, A. — As espécies brasileiras do gênero *Pradosia* Liais (fam. *Sapotaceae*).

DUCKE, A. — *Milletia occidentalis*, nova leguminosa provavelmente ictiotóxica do Amazonas.

DUCKE, A. — O Herbário amazônico do Museu Paraense em 1950.

PIRES, João Murça — Plantas novas da Amazônia.

KOSTERMANS, A. J. G. H. — Notas sobre as *Lauraceae-Lauroidae* sul-americanas.

AMSHOFF, G. J. H. — Gênero *Crudia* na América do Sul.

BELEM — PARÁ — BRASIL

O HERBÁRIO AMAZÔNICO DO MUSEU PARAENSE EM 1950 (*)

A. DUCKE

O herbário do Museu teve origem no ano de 1895, com a vinda do Dr. JACQUES HUBER para chefiar a recém-criada secção de botânica. Não faltavam ao Museu recursos materiais e prestígio, naquela época de prosperidade econômica e surto intelectual do Pará, na administração do preclaro e benemérito governador Lauro Sodré; no entanto, para iniciar o estudo da flora, HUBER dependia do intercâmbio com institutos congêneres estrangeiros (europeus, naquele tempo) onde as amostras das plantas tinham de ser identificadas mediante comparação com as coleções típicas. Pouco se conhecia então da flora amazônica e quase nada da do Pará; os botânicos, quase todos estrangeiros e itinerantes, haviam preferido as partes centrais e ocidentais da grande planície e não tinham deixado duplicatas nos raros herbários nacionais. Com surpresa, HUBER verificou que as árvores do Pará e principalmente as de porte alto pertenciam em sua maioria a espécies ou até a gêneros novos para a botânica. Recordo tê-lo ouvido comentar isso da maneira seguinte: "Quando eu estava ainda na Suíça, porém já cogitando de vir para o Pará, pretendia dedicar-me aqui ao estudo de musgos e líquens, porém quando verifiquei que a maioria das árvores carecia de classificação, julguei dever dar a preferência a estas". Assim orientado, HUBER iniciou seus estudos com a coleta de material botânico nas matas (hoje

(*) Trabalho subvencionado pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

desaparecidas) dos arredores de Belém, intercalando algumas excursões à Ilha de Marajó e algumas menores a outros pontos do Estado (Bragança, Rio Capim, Furos de Breves), e não tardou a dispôr de material classificado bastante para começar estudos autônomos.

Em 1897/8, HUBER fêz uma viagem botânica aos rios Ucayali e Huallaga no Perú amazônico, e, em 1904, outra ao Rio Purús, adquirindo em ambas avultado número de espécimes para o herbário, além das muitas plantas vivas destinadas ao horto do Museu. Coleções menores foram naquele período feitas em vários outros lugares da Amazônia brasileira, pelos preparadores MANUEL L. GUEDES (falecido em 1902) e RODOLPHO SIQUEIRA, e por mim desde que entrei no serviço do Museu (1899). No fim da diretoria GOELDI (1906) o herbário constava de mais de 8.000 números, achando-se todo o material disposto conforme as famílias e na sua grande maioria ao menos nos gêneros.

O primeiro período da evolução do herbário do Museu encerrou-se no começo de 1907, com a substituição do diretor E. A. GOELDI pelo doutor HUBER. Êste, com os afazeres da diretoria, não pôde mais dedicar tôda a sua energia à seção botânica, embora dela continuasse chefe, e muito menos podia fazer excursões ao interior da região, por escassez de tempo. Vinha no entanto afluindo vultoso material para o herbário, trazido por vários coletores, merecendo referência especial a coleção R. SIQUEIRA, do lugar Peixe-boi (E. F. de Bragança), na qual se destacam os espécimes provenientes das gigantescas árvores derrubadas para instalação duma estação experimental de agricultura. Outras coleções de valor foram feitas pelo preparador F. QUEIROZ LIMA. Sob a direção de HUBER, meus trabalhos no interior amazônico passaram a se dirigir principalmente sôbre leguminosas e árvores de borracha; entre o material destaca-se, pelo número dos espécimes e das espécies novas, o que foi coletado em vários pontos das bacias fluviais do Nhamundá e do Trombetas, e numa viagem à região limítrofe entre o Brasil e a Colômbia, no Rio Japurá. De todo êste material acumulado desde 1907, HUBER só pôde estudar uma pequena parte; a grande maioria nem chegou a ser intercalada nas famílias

botânicas e ficou esperando por uma época em que HUBER dispusesse de tempo para identificá-lo. Assim, quando o saudoso cientista morreu (em 18 de fevereiro de 1914), vários mil números de plantas aguardavam distribuição no herbário organizado conforme o sistema natural das plantas.

A morte súbita de HUBER, logo seguida pelo começo da primeira guerra mundial, foi um golpe de que o Museu não mais pôde refazer-se. A direção do estabelecimento ficou interinamente nas mãos da doutora EMILIA SNETHLAGE, zoóloga, e eu assumi a chefia da secção de botânica. Cumpria em primeiro lugar determinar pelo menos as famílias das plantas acumuladas desordenadamente, e o fiz em companhia do sr. R. Siqueira, terminando o nosso trabalho em fins de 1914, com a reorganização completa do herbário.

Discípulo de HUBER e animado pelo desejo de continuar na medida das minhas possibilidades o estudo da flora florestal paraense sôbre a base por êle deixada, organizei um serviço metódico para obter espécimes botânicos completos daquelas árvores que haviam escapado às pesquisas de HUBER, em parte prejudicadas pela fraca saúde e a falta de tempo que o obrigavam a recorrer a outros para a colheita do material. Obtive sem muita dificuldade os espécimes de que necessitava, empregando bons trepadores e usando o "rifle" (carabina Winchester n.º 44) para cortar a bala os ramos férteis das copas fora do alcance por outros meios. Os irmãos drs. COUTINHO DE OLIVEIRA que eram exímios atiradores ajudaram-me nessa tarefa e conseguiram-me ainda informações fidedignas sôbre a nomenclatura indígena das árvores, tão freqüentemente baralhada nos herbários. Em 1917, a Dra. SNETHLAGE foi temporariamente afastada em consequência da guerra, e a convite do governador Lauro Sodré assumi a direção interina do Museu, o que não me impediu de continuar as pesquisas florestais e a colheita de material para o herbário, por ter ao meu lado a competência administrativa do sr. SIQUEIRA. Quando eu, em outubro de 1918, deixei o serviço do Museu, o herbário tinha atingido mais de 17.000 números de plantas.

Nos anos que seguiram o fim da guerra, até a revolução de 1930, o Museu teve de se contentar com escassos recursos,

em consequência da crise econômica que assolava a região amazônica. Não houve aumento no herbário, porém as coleções continuavam em bom estado sob os cuidados do sr. SIQUEIRA, o qual de fato exercia as funções de diretor, conquanto as honras e os proveitos dêste cargo ficassem para figuras decorativas.

A revolução de 1930 trouxe à tona novos elementos sociais. O Museu passou a ser dirigido pelo saudoso doutor CARLOS ESTEVAM DE OLIVEIRA, o qual, prestigiado pelo novo governo, deu forte impulso ao jardim zoológico e à secção de etnografia, o que no entanto êle não pôde fazer com a secção botânica por ter a mesma recebido um chefe autônomo. Sendo êste, alguns anos depois, substituído por um jardineiro, melhoraram as condições do horto, porém o herbário continuou em abandono. Fêz-se uma reforma no edifício do Museu, e a parte maior do herbário foi transferida para uma dependência (antiga oficina mecânica), onde agora está instalada a secção botânica; uma parte menor ficou numa sala do edifício principal acessível ao público, com as latas em prateleiras, muitas vêzes abertas por visitantes e nem sempre fechadas. Sem inseticida ou desinfetante qualquer durante anos, traças invadiram estas latas e comeram-lhes o conteúdo. Informado da precária situação da secção, o governo contratou um jovem carioca para o fim especial de restaurar o herbário, sendo o dito, pouco depois, exonerado do cargo por falta de competência.

Falecido o dr. CARLOS ESTEVAM em 1946, o governo nomeou diretor o bibliotecário do Museu, Sr. INOCÊNCIO MACHADO COELHO. Um dos primeiros atos do novo diretor foi o de fazer o inventário das coleções de herbário, e nesta ocasião apareceram patentes os irremediáveis prejuízos que as mesmas tinham sofrido em anos de incúria. Verificou-se o estrago total ou da maior parte do material pertencente às famílias das Asclepiadáceas, Borragináceas, Bignoniáceas, Verbenáceas, Violáceas, Bixáceas, Cochlospermáceas e Compostas, e ainda de uma parte das indeterminadas e de toda a coleção SPRUCE, cedida no tempo de HUBER pelo Museu Britânico. Por felicidade escapou parte da coleção típica de

HUBER (duplicatas), transferidas no tempo do governo Lauro Sodré para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Todo o herbário foi expurgado e rigorosamente desinfetado, e as latas velhas foram substituídas por novas. Faltava no entanto repô-lo na ordem sistemática, baralhada depois de 1930 por visitantes pseudo-botânicos e curiosos, não fiscalizados; por isso, passando eu em 1949 uma longa temporada em Belém, ofereci ao novo diretor efetuar uma reforma completa do herbário, naquele sentido. Conteí com a longa prática de meu amigo SIQUEIRA, o qual, embora aposentado, ainda colabora no Museu; com apenas dois meses do nosso trabalho conjunto, o herbário ficou de novo em condições de ser consultado por botânicos. Na mesma ocasião, incorporamos ao dito mais de 2.000 números da minha coleção particular, em sua maioria provenientes do Estado do Amazonas.

SUMMARY

The Author presents in this paper a brief history of the Herbarium of the Museu Paraense EMILIO GOELDI at Belém-Pará-Brazil. Founded in 1895 under the direction of JACQUES HUBER, the Herbarium has reached its full development during the "rubber boom". After the death of Professor HUBER (February 18, 1914) the herbarium has gradually declined as a result of the economic depression which followed the period of prosperity. However, the herbarium of the Museu Paraense EMILIO GOELDI still possesses valuable collections revised by specialists although a great part has been destroyed by lack of adequate care and resources. The Herbarium was reorganized in 1949.

RESUMÉ

Résumé de l'histoire de l'Herbier Paraense du Musée Goeldi, à Belém, Pará, Brésil. Cet Herbier, établi en 1895, sous la direction du Dr. JACQUES HUBER, connut une époque de prospérité; les ressources ne firent pas défaut à l'époque de la prospérité du caoutchouc. Après la morte de HUBER

(18.II.1914), l'Herbier eut à subir les conséquences du manque très acentué de moyens financiers.

Cet Herbier réorganisé en 1949, possède encore une réelle valeur, du fait qu'il comprend des collections anciennes, revues par des spécialistes.

Belém, Março de 1952.